Romanceiro III: Romances Cavalherescos Antigos

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Romanceiro III: Romances Cavalherescos Antigos

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

XV

(TERCEIRO DO ROMANCEIRO)

ROMANCEIRO

PELO V. DE ALMEIDA GARRETT

III ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1875

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d’esta collecção em duas partes, cada uma das quaes forma um tomo

separado.

N’este segundo vão tambem em appendice as traducções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e prophecias. Se porêm apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descubertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar-se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n’esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, agosto 9, 1851.

ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

XVII

A ROMEIRA

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Tras-os-montes.

So pelas duas versões d’estas provincias o tive de appurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não occorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é ésta a primeira vez que se vê escripto e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia;
Tam honesta e formosinha
Não vai outra á romaria.
Sua saia leva baixa
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapelinho cahido
Que lindos olhos cubria!
Cavalleiro vai traz d’ella,
De má tenção que a seguia[1]!
Não a alcança, por mais que ande,
Alcançá-la não podia
Senão juncto a essa oliveira[2]
Que está no adro da ermida.
Á sombra da árvore benta
A romeira se accolhia:
—‘Eu te rogo, cavalleiro,

Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a sancta romaria.’
Cavalleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto,
De amores a accommettia.
Pegaram de braço a braço:
Lucta de grande porfia![3]
A romeira, por mais fraca,
Emfim rendida cahia...[4]
No cahir, lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia;
Com toda a fôrça lh’o arranca,
No coração lh’o mettia.
O sangue negro saltava,
O negro sangue corria...
—‘Por Deus te peço, romeira[5],
Por Deus e a Virgem Maria,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha
Da vingança que tomaste,
Da affronta que te eu fazia.’
—‘Heide dizê-lo em tu’terra,
Heide me ir gabar á minha,
Que mattei um vil covarde
Co’as armas que elle trazia.’
Tocou a campa da ermida,

A campa que retinia:
—‘Ermitão, por Deus vos peço[6],
Bom ermitão d’esta ermida,
Tenhais dó d’essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.’

XVIII

CONDE NILLO

So se incontrou este bello romancinho do ‘Conde Nillo’ na provincia de Tras-os-montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommisso. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou proençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porêm é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fôsse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILLO

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vai banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
Elrei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
—‘Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no ceo[7],
Ou a sereia no mar.’
—‘Não são os anjos no ceo,
Nem a sereia no mar:
É o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.’
—‘Quem falla no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?’
—‘Senhor, a culpa é só minha[8],
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.’
—‘Calla-te, filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça[9]
Ve-lo-has ir a degollar.’

—‘Algoz que o mattar a elle,
A mim me tem de mattar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de interrar.’

Por quem dobra aquella campa,
Por quem está a dobrar?
—‘Morto é o conde Nillo,
A infanta ja a expirar[10].
Abertas estão as covas,
Agora os vão interrar:
Elle no adro da egreja[11],
A infanta ao pé do altar.’
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co’as pontas se iam beijar.
Elrei, apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo[12],
O outro sangue real;
De um nascêra uma pomba,
De outro um pombo torquaz.
Senta-se elrei a comer[13],
Na mesa lhe iam poisar:
—‘Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte

Nunca os pude separar.’

XIX

ALBANINHA

Ésta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontá-la, não a incontrei senão na provincia de Tras-os-montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d’alli me vieram; e, approveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que resaibo á sarcastica ‘sirvente’ do trovador. É mordaz, epigrammatica; e até se permitte fazer o seu _calimburgo_, quando a donzella requestada responde ao seductor:

‘Pouco tempo são tres horas, Mas vem depois o contar.’

Onde a graça do equívoco está em que o verbo ‘contar’ tanto significa fazer ‘contas’ como ‘referir o que se passou.’

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem licção castelhana que se ache nos romanceiros.

ALBANINHA

—‘Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te vira Albaninha
Tres horas a meu mandar!’
—‘Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.’
—‘Usança de maus villões

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com